

2 PÁGINAS DE

COM DESENHOS  
DE ANAHORY

# Rubem Braga

## GENTE DA CIDADE



Arizio de Viana,  
daspiano

Os inimigos do Dasp e de seu diretor geral Arizio de Viana podem dizer tudo contra esse homem, porém jamais poderão lhe negar um título sobre todos honroso e feliz: ele nasceu, inegavelmente na nobre cidade de Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espírito Santo. E filho de gente da terra. Seu bisavô, Conceição Viana era um bravo e extravagante cavalheiro da Vila do Itapemirim; quando o pessoal da Vila decadente começou a se mudar para Cachoeiro o velho Conceição se irritou, pegou da espingarda, foi para a beira do rio impedir o êxodo. Certa vez fingiu que tinha morrido, fez-se transportar num fundo de canôa até Cachoeiro, ouviu com prazer as lamentações das mulheres, reconheceu a voz de um sujeito de quem não gostava, ergueu-se e deu uma surra nele.

Mas até o filho dele, Primo Viana, avô de Arizio, acabou indo morar em Cachoeiro. O repórter o conheceu com suas grandes barbas na porta do Correio — "onde vai, menino?" — ele usava um punhal no colete, uma pistola na cintura e uma gurumbumba na mão, e tinha um senso de humor às vezes feroz. Ficava escondido na janela dos fundos de sua casa, que dava para o rio, armado de um bodoque, jogando bolas de tabatinga cozido nos moleques que tomavam banho nús — e que jamais suspeitariam daquele velho barbudo. Gostava de passear com as mãos para trás mas não pela calçada pelo meio da rua; um dia um fordéco passou raspando nele e deu-lhe um susto; uma bala da mauser varou o pneu trazeiro.

Quando Arizio era menino seu pai não vivia em Cachoeiro; estava exilado pelas lutas políticas que dividiram o Estado em dois governos, e o avô não matriculou o menino no Grupo Escolar Bernardino Monteiro porque era pinheirista e portanto adversário do patrono do Grupo. Arizio começou a estudar na escola do Centro Espírita e mais tarde fez o 1.º e 2.º ginasiais no Pedro Palacios. Depois seu pai, Alzira Viana, foi nomeado Secretário da Fazenda, (em dois governos consecutivos) e Arizio mudou-se para Vitória onde fez o ginásio. Colega do peito: Newton Freitas, suspenso por dois anos do Ginásio do Espírito Santo porque na hora da pa-

rada de 7 de Setembro negou-se a tocar o tambor porque outro menino com quem implicava — Atila Bezerra, o "Capa-égua", também ia tocar. Filho do chefe da praticagem do porto, Newton foi ser praticante de piloto no "Gurupi". Seu irmão, o campeão Wilson Freitas foi colega de remo de Arizio no Saldanha da Gama.

Arizio canta nas festinhas e faz serenatas para as moças de Vitória; um professor de canto ficou impressionado com sua voz — era tenor dramático — e ele passou dois anos estudando piano e canto. Chegou a dar um recital com trechos do "Elisir d'Amore", no teatro. Depois teve um desgosto: sua voz caiu para barítono; além disso não aguentava a disciplina da arte que lhe proibia as farras e serestas. Agora Arizio se matricula na Faculdade de Direito do Rio. Colegas de turma: o atual ministro Balbino (orador) Evandro Lins, Alceu Marinho Rêgo, o juiz Martinho Garcez, etc. etc., incluído nestes etes este honrado repórter.

Vindo a revolução de 30 o jovem Arizio se entusiasmou, e chegou a ser interventor nos municípios de Serra, Santa Cruz e Riacho. Foi funcionário da Secretaria da Educação, professor da Escola Normal e outras coisas.

Fez com Newton Freitas, um jornalista satírico, "Moçamedes", nome de um lugarejo africano ao qual comparavam Vitória. No quarto número Arizio fez uma notinha mexendo com uma professora, que foi tomar satisfações; ele disse que o Newton é que tinha feito, a professora se encontrou com Newton na rua, agrediu-o a guarda-chuva, Newton correu às gargalhadas e o jornal acabou, para sossego da ilha.

Formado, Arizio meteu-se na zona nova da Alta Paulista — Marília, Garça, Baurú, Piratinga; tinha 22 anos quando foi enearregado de um inquérito sobre falsos "warrants" de café em Monte Alto, com grande aparato bélico. Ficou lá amigo do Juiz de Direito, o único papo bom da terra, mas cedo da noite tudo se fechava na cidadezinha, os dois ficavam conver-



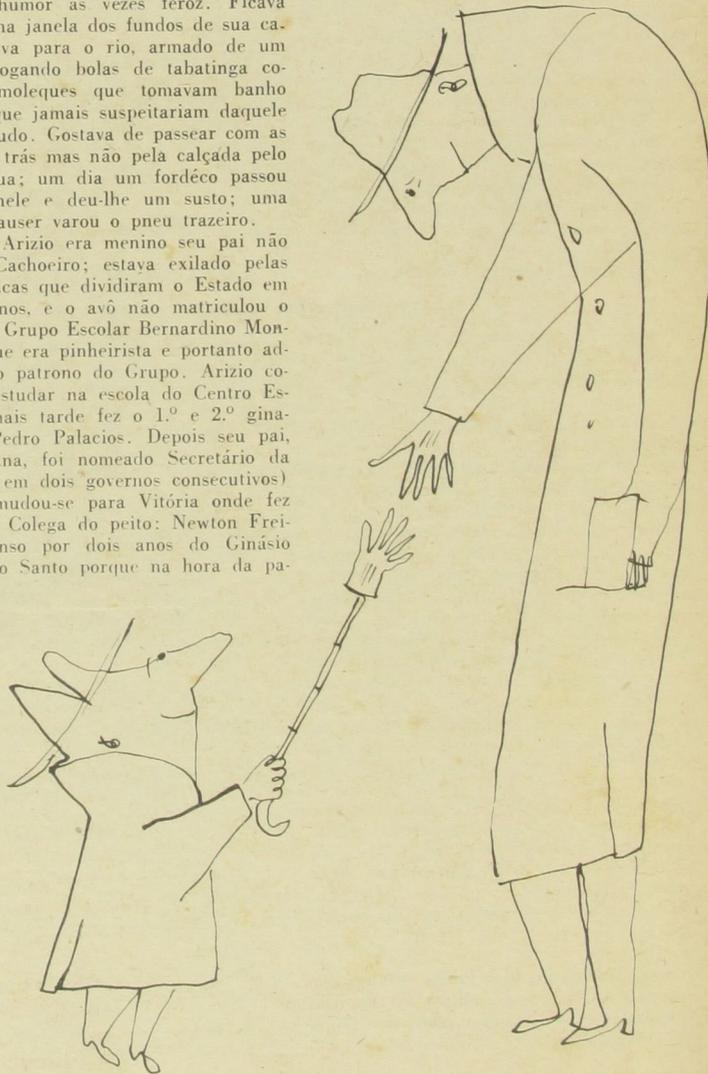
## AQUÊLE TEMPO

Encontrá-la na esquina foi uma surpresa. Embora estivesse com pressa, e talvez porque sentisse um leve embaraço, convidou-a para tomar alguma coisa no bar ali perto.

Aquêl amor acabara sem drama nem tristesa; acabara de longe, durante uma viagem forçada que ele fizera. Mandou-lhe uma ou outra carta, e ela também lhe escreveu algumas vezes, bem humorada e cordial. Depois o tempo foi passando, e ambos se limitaram a cartões de aniversário. Quando ele voltou ao Rio ela tinha outro amor; não a procurou logo; encontrou-a depois uma ou duas vezes, ocasionalmente; achou-a bonita, talvez um pouco mais do que antes, mas não pensou em recomeçar nada.

Agora fazia muito que não a via — e quando o garçon deixou os copos e se afastou, ele se surpreendeu, com um ar muito natural, a dizer coisas boas: que aquêl novo penteado lhe ficava muito bem, e a saía era uma beleza, e o cinto... Ela protestou, aquêl cinto largo e elástico está sendo usado por milhares de mulheres, de maneira que ele não poderia dizer que era elegância; uma senhora elegante jamais usaria coisa tão banalisada; seria o cúmulo do galanteio inhábil elogiar o cinto. Pois ele fez questão de dizer que exatamente admirava nela a tranquilidade com que usava um cinto que todo mundo usava, e a verdade é que para a sua cintura ele ficava especialmente bem; ela tinha bastante elegância natural para não temer a banalidade. Dizia essas coisas com sinceridade, mesmo com uma certa veemência, e ela riu: "você, sempre o mesmo!"

Então houve um instante em que ambos sentiram que estavam na beira de lembrar "aquêl tempo" e subitamente ele começou a falar da casa em que morava agora; ela, como agradecida por ele ter evitado a conversa de recordações, começou a fazer perguntas impessoais, aceitou outro copo de bebida, contou uma história da irmãzinha (e quando estava contando se lembrou, e esteve quase dizendo, que a irmãzinha ainda há pouco tempo se lembrara dele, perguntara de repente por ele, mas omitiu isso porque seria afinal uma referência "áquêl tempo"); ele achou graça na história da menina, perguntou se ela estava muito alta e se estava ficando tão bonita como parecia que ia ficar, de súbito ela olhou o relógio, fez uma exclamação, estava atrasadíssima, ele pagou, acompanhou-a até um táxi na outra esquina — e depois que ela lhe acenou com a mão e fez um sorriso de despedida ele ainda se demorou um instante na calçada, vendo a sua cabeça no interior do carro que se afastava, sentindo-se vagamente contente por ela ter ido embora, ou talvez por ter sido tão cordial o encontro e ele não ter dito nenhuma tolice e também não ter sido seco, ao mesmo tempo sentindo uma ternura por aquela mulher que fora sua e que lhe dera tanta tristeza e tanta alegria, lembrando que durante algum tempo a amara com uma verdadeira aflição, com uma espécie de loucura, e sentindo suave sentir que ela ainda lhe despertava carinho e certamente também desejo, mas de um modo apenas agradável, como quem passa no trem e vê um remanso de rio e pensa que seria gostoso dar um mergulho ali (não aquêl sentimento de antigamente, laminto e doloroso de ciúme) e se perguntando se não voltaria a amá-la se a visse muitas vezes, e ao mesmo tempo feliz por ter acabado tudo, feliz, com seu coração livre, leve, solteiro, em paz.



sando num banco da praça, o Juís confessou que aquilo era tão triste que ele às vezes uivava. Os dois começaram a uivar na praça. Arizio assustou-se, partiu.

Em fins de 34 veio ao Rio visitar seu pai, que estava passando mal e logo morreu.

Pedro Ernesto, médico e amigo de Alziro Viana, convidou o rapaz para seu oficial de gabinete. Quando Pedro Ernesto foi preso, em 36, Arizio continuou a visitá-lo e trabalhar para ele, acabou preso também: seis meses entre a Correção e a Detenção, sem sequer ser interrogado.

Ficou advogando no Rio, foi professor de Economia e Direito da Faculdade de Comércio, e em 1939 fez concurso para assistente técnico do Dasp, mais tarde outro para técnico de administração; em 1942 era chefe da Divisão de Despesa da Comissão de Orçamento, e passou a fazer os orçamentos do Estado Novo.

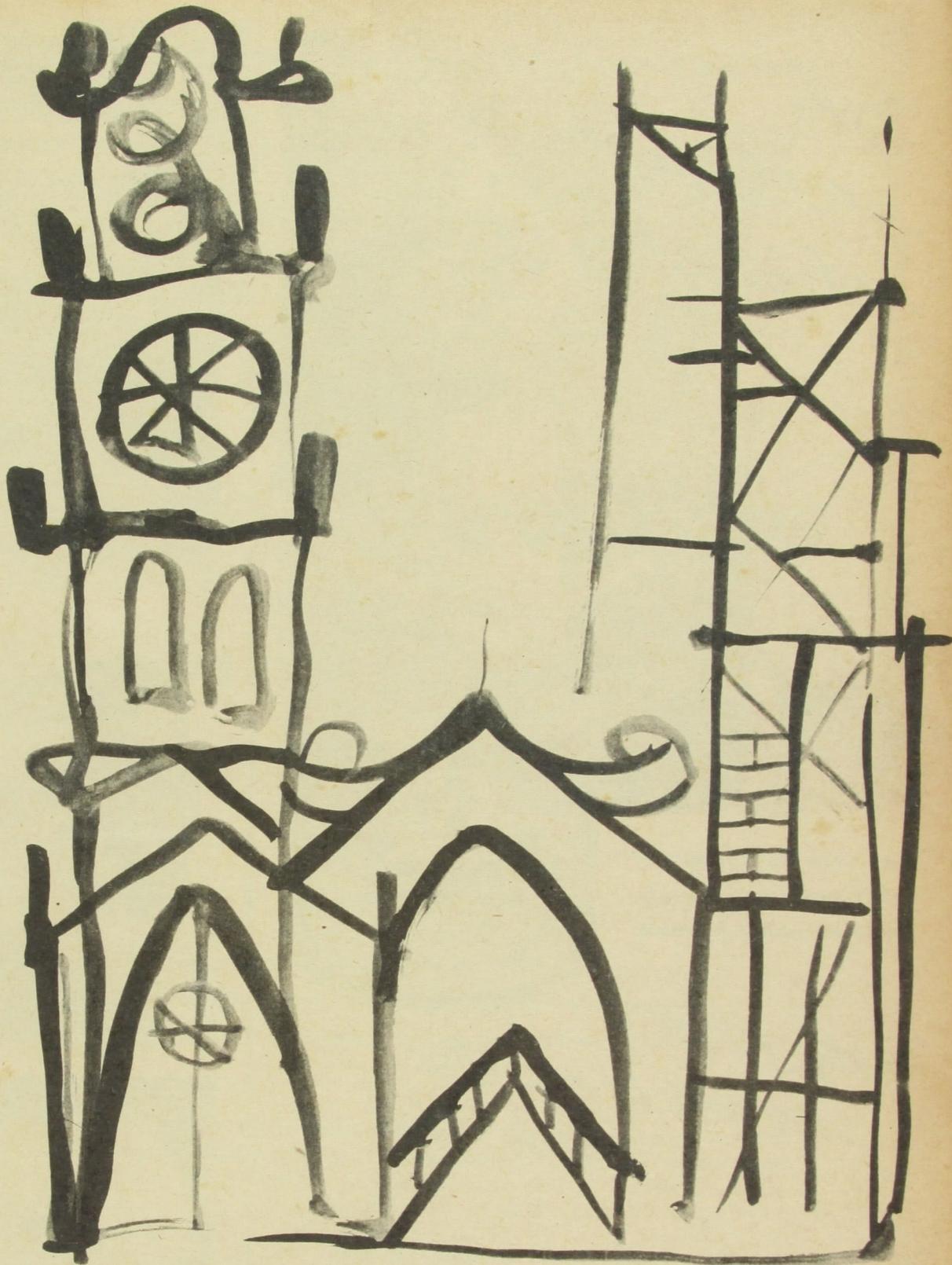
"Muita gente até hoje implica com" o Dasp porque ele nasceu sob a Ditadura; era, entretanto, um órgão de auto-limitação, essencialmente democrático, de inspiração anglo-saxônica; o artigo da Carta de 37 que o criou é traduzido da lei americana de 1921 que criou o "Bureau of Budget", e sua formação se inspirou também na "Civil Service Commission"; veiu estabelecer normas para o serviço público, substituir o pistolão pelo concurso, "o arbítrio pelo sistema de mérito". Foi por isso — explica Arizio — que o Dasp atraiu inteligências novas como Artério Dardeau Vieira, Cleando Leite, José Nazaré Teixeira Dias, Célia Neves, Alfredo Nasser, Wagner Estelita Campos.

O governo Linhares deu uma contramarcha no Dasp, Arizio encabeçou um memorial advertindo o governo contra as leis de emergência e de favores, ele e os outros diretores e chefes de secção foram suspensos por 10 dias, demitiram-se.

No governo Dutra ele é Diretor do Departamento de Indústria e Comércio da Prefeitura, (tempo de Hildebrando Góis) ingressou na "Fundação Getúlio Vargas", fundou a "Revista Brasileira de Economia", fez estudos e pesquisas para o Instituto Brasileiro de Economia, leu e escreveu muito, inclusive um livro "O orçamento brasileiro" traduzido na Universidade de Ohio. Com a volta de Getúlio, Arizio é nomeado Diretor Geral do Dasp, vai a congressos internacionais, luta ferozmente e impopularmente contra a "Tabela única" e o "O de Penacho", espera agora a reforma do sistema administrativo (que está na Câmara) e a reestruturação geral dos cargos e funções, acredita nessas coisas, acha necessárias e justas pensa que não é excessivo para o Governo Federal ter 240.000 servidores, o que há é má distribuição e baixa produtividade; acha um escândalo a burocracia da Prefeitura pela sua desorganização e salários excessivos com má influência o serviço público federal.

É membro do Instituto Internacional de Ciências Administrativas, Grande Oficial da Ordem Nacional do Mérito, medalha do Atlântico Sul, trabalha das 9 da manhã às 8 da noite; quando não tem concerto sinfônico, ópera ou teatro bom vai toda noite ao cinema, frequenta a Hípica, toma banho de mar em Ipanema quando tem tempo, torce pelo América, canta no chuveiro árias selecionadas, principalmente "Largo al factotum" do Barbeiro de Sevilha e "Eri tu" do Baile de Máscaras, está escrevendo há dez anos um romance cujo título já mudou várias vezes, é casado sem filhos, mora perto da Lagôa, tenciona comprar um piano, e lê muito, desde o velho Anatole até Joyce, Kafka (bôa inspiração para o diretor do Dasp!) e o destampado Henry Miller. É jornalista profissional (foi redator da "Gazeta de Notícias", colaborou muito na "Fôlha Carioca" escreve continuamente em revistas técnicas) almoça na ABI e até hoje não se conformou de não ser mais tenor dramático. Seu irmão Ary foi prefeito de Cachoeiro e deputado federal hoje é Secretário da Fazenda do governador Jones, e Arizio tem sempre um olho na política do Espírito Santo, embora jamais o confesse (Nem ele nem eu).

R. B.



## A POESIA É NECESSÁRIA

Mário de Andrade, nascido em 1893, foi um dos mestres do modernismo, tendo praticado todos os gêneros literários. Morreu em 1945 na cidade em que nasceu, cantada por ele em grande número de seus poemas. Este que aqui publicamos, sem título, pertence à "Lira Paulistana".

*A catedral de São Paulo  
Por Deus! que nunca se acaba  
— Como minha alma.*

*É uma catedral horrível  
Feita de pedras bonitas  
— Como minha alma.*

*A catedral de São Paulo  
Nasceu da necessidade.  
— Como minha alma.*

*Um dia há de se acabar,  
Mas depois se destruirá  
— Como o meu corpo.*

*E a alma, memória triste,  
Por sobre os homens arisca,  
Sem pórtico.*